

MC FININHO

2011 - RIO DE JANEIRO, GENTIL CARIOCA

+

Raul Mourão and Cabelo, an artist, musician and poet from Rio de Janeiro, have been friends for decades. Both produce artworks in which the relationship with the streets of Rio de Janeiro is fundamental to understanding their careers and connections between the two artists. When Mourão was invited in 2012 to curate Cabelo's exhibition at A Gentil Carioca, they planned a number of actions that would involve the invention of a new character – Mc Fininho. + Cabelo's musical alter ego (in line with the also fictitious DJ Barbante) expanded the exhibition to a concert and audio recordings with a number of musicians and producers. Some of the main proponents of Brazilian contemporary music recorded 11 funks and documented the existence of Mc Fininho/Cabelo/DJ Barbante. A catalogue in the form of a magazine complemented the performance, providing the character and his work with a history, critique and biography.

+

A amizade entre Raul Mourão e o artista, músico e poeta carioca Cabelo atravessa décadas. Os dois produzem uma obra cuja relação com as ruas do Rio de Janeiro é essencial para entendermos seus trajetos e as conexões existentes entre eles. Ao ser chamado em 2012 para fazer a curadoria da exposição de Cabelo na galeria A Gentil Carioca, Mourão planeja com o artista uma série de ações que envolvem a invenção de um personagem – MC Fininho. + O alter ego musical de Cabelo (em parceria com o também fictício DJ Barbante) expande a exposição para um show e um registro sonoro feito com uma série de músicos e produtores. Alguns dos principais nomes da música contemporânea brasileira gravam 11 funks e registram a existência de Mc Fininho/Cabelo/DJ Barbante. Um catálogo em forma de revista complementa a ação, dando história, crítica e biografia para o personagem e seu trabalho.



Raul Mourão - It's all a lie

It's all an invention in the mind of Cabelo. MC Fininho doesn't exist in the real world, he's a fictional character, an old school funkeiro (baile funk MC), party thrower, musicologist, anthropologist of small places, a reporter from the alleys and forests and a funk carioca composer. DJ Barbante, his partner, assistant and beat maker, doesn't exist as well. Barbante is a joke persona that hides his many partnerships. It's all fiction. Cabelo let go of his mind and became Fininho's, and after he let go of his body as well. Different people inhabiting the same mind. Changing personalities, caboclos, entities, spirits from beyond, forces of good.

Actually, the idea of the exhibition of carioca funk by MC Fininho and DJ Barbante at Gentil started at Cabidinho, a 24-hour-bar on the corner of Mena Barreto with Paulo Barreto street. It was a big and animated group of people who took over a few tables at the bar after the Afonso Tostes's show at Lurixs art gallery. Cabelo told me he had a show set at Gentil and wanted to inject music into the exhibition. We left for Lapa (downtown Rio) with Dado Amaral by car for a quick show of the group Boato. At the Arco Iris bar, Cabelo picked up the conversation again about the show at Gentil and I suggested that he had to put MC Fininho in his repertory. Cabelo answered me emphatically, "let's do it!", and the next day we forgot all about it. Two days later, the idea of MC Fininho and DJ Barbante's exhibition strongly returned into my mind, and I called Cabelo to debate the idea. We met at his studio on Souza Lima street on Monday, May 2nd and again on Tuesday.

We brooded and brooded over the subject, and decided that Frederico Coelho would write an unauthorized biography, Felipe Scovino would write a critical text and Silvio Essinger would give a talk with a soundtrack about the history of Funk Carioca and he would also give us his text. Eleven partners would be invited to write funk tracks based on the lyrics written by MC Fininho. An art show with all of the elements, sounds and thoughts of Fininho would take over Gentil, dividing the space in two: a Caxanga do Fininho (lair/home/dormitory/living room) and the Studio Play Room (where the MC would record his songs, receive guests and organize small parties). At the opening of the show a large funk ball party would be thrown to honor funk carioca on the street in front of Gentil. We would party. And provocations and nonsense. At the end of the day on Tuesday, May 3rd, we started a new open game, with few rules and lots of improvisation.

The days passed with a regressive grasp upon our routine. A short fuse tied to our final bomb. Eleven funk tracks produced in one week at Rafael Rocha's Jaula do Vampiro studio, at Kassin and Berna's studio Monaural and on the computer of each of the partners. The tracks would arrive by email. Lyrics, versions, corrections. Images, Aninha Tsunami, a little rabbit vocal recorder from Pernambuco, verses and choruses, BPMs by phone, wave files, microphones, reverbs, dubs and cachaça. Funk tracks gained life and form. It

É tudo mentira

É tudo invenção da cabeça do Cabelo. Mc Fininho não existe na vida real, é um personagem fictício, funkeiro ancestral, animador de bailes, pesquisador musical, antropólogo das biroscas, repórter das vielas e florestas e compositor de funks. DJ Barbante, seu parceiro, assistente e responsável pelas bases musicais, não existe também. É um personagem coringa que esconde os inúmeros parceiros. É tudo ficção. Cabelo saiu de sua cabeça e deixou entrar Fininho, que depois tomou conta de seu corpo também. Pessoas diferentes habitando a mesma mente. Troca de personalidades, caboclos, entidades, espíritos do além, forças do bem.

Na verdade a ideia da exposição funk-carioca de Mc Fininho e DJ Barbante n'A Gentil começou no Cabidinho, bar 24hs que não fecha não na esquina da Mena com a Paulo Barreto. Era um grupo grande e animado ocupando algumas mesas depois da exposição do Afonso Tostes na Lurixs, Cabelo me contou que tinha uma data marcada na Gentil e que queria injetar música na exposição. Partimos para a Lapa com Dado Amaral no carro para uma apresentação-relâmpago do saudoso grupo



Sem título
Untitled
2011
pencil on paper
lápiz sobre papel
29 x 21 cm

became real in a territory of pure fantasy. Afterwards, the paintings, drawings, objects and photographs arrived. We stuck it all in a Kombi (VW bus) and took off for Gentil. A red wall and another black, a lucent drawing appeared at the last minute, a television that plays funk (Telefunken?), a smoke machine, wheatpaste posters, photographs by Dani Dacorso, a video documentary called Favela on Blast by Leandro HBL, and “Cante um funk para um filme” by Emilio Domingos and Marcus Faustini.

I always observed anger, fury, and violence in Cabelo’s work. Now I see humor, jokes and parties, as well as anger and fury as always. Have fun with the Cabelo/Fininho/Barbante’s exhibition. It is a celebration of life, affect, of happiness against the bad, boring and mediocre art that assaults and dumbs-down our times.

P.S. Fininho asked me to remind you that the party is just starting. Next year it is going to happen the first ever Fininho Funk Festival, 24 hours of Fininho Funk TV, new album, songs on the radio, shows all over the city, housewares for the bed, table and bathroom...

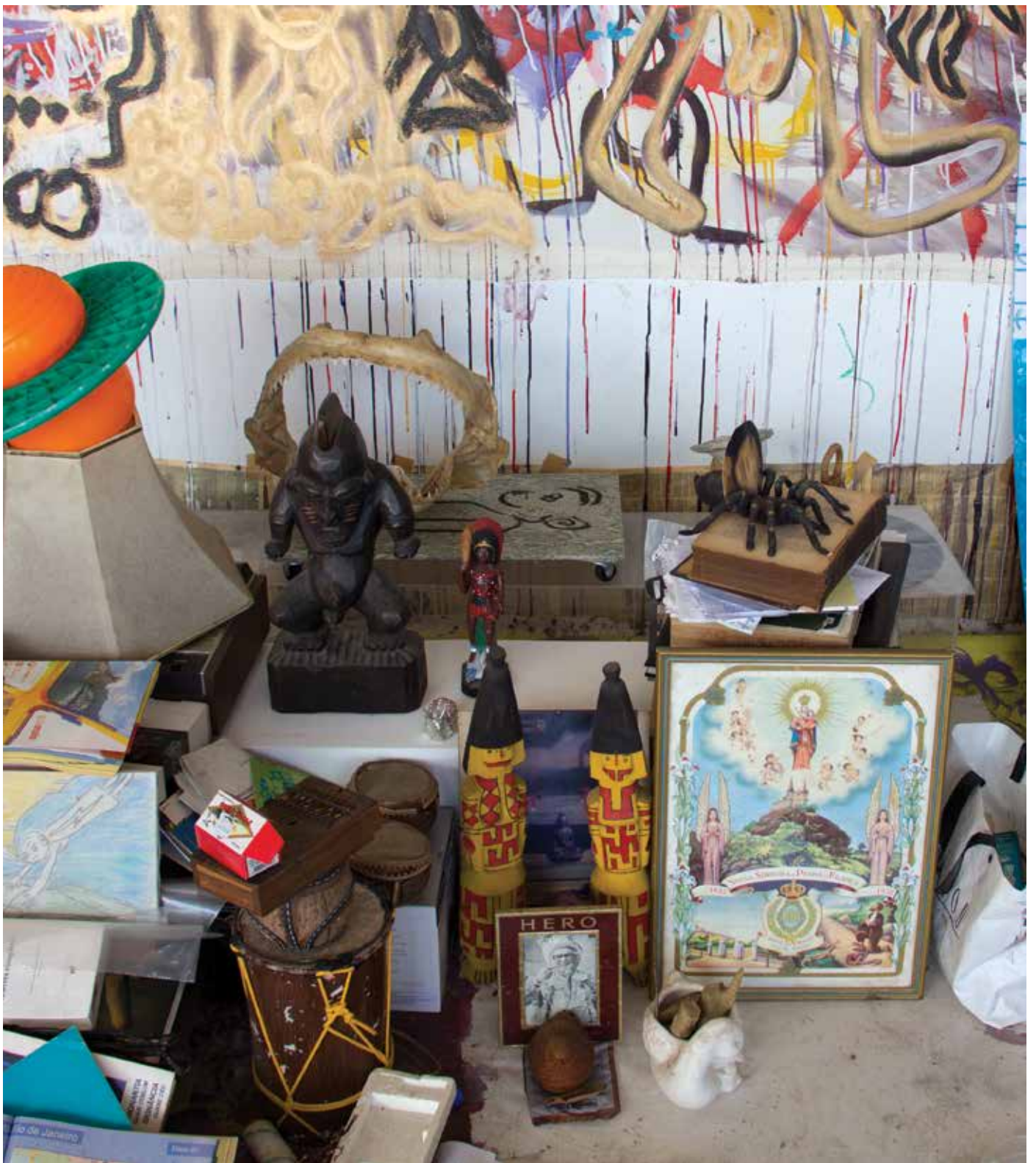
Boato. No bar Arco Íris Cabelo retomou a conversa sobre a exposição na Gentil e sugeriu que ele incorporasse Mc Fininho ao repertório. Cabelo respondeu enfático: “Vamô fazê” - e no dia seguinte esquecemos do assunto. Dois dias depois a ideia da exposição de Mc Fininho e DJ Barbante me voltou com força, liguei e convoquei Cabelo para debatermos o assunto. Nos encontramos no ateliê dele na Souza Lima na segunda dia 2 de maio e também na terça.

Matutamos e matutamos e ficou decidido que Frederico Coelho escreveria a biografia não autorizada, Felipe Scovino um texto crítico e Silvio Essinger faria uma palestra com trilha sonora sobre a breve história do funk carioca e nos deixaria também um texto. Doze parceiros seriam convocados a compor funks a partir de letras do Mc Fininho. Uma exposição com as coisas, sons e pensamentos de Fininho ocuparia a Gentil dividindo o espaço em dois ambientes: a Caxanga de Fininho (lar/morada/dormitório/sala de estar) e o Estúdio Área de Lazer (onde o Mc grava suas músicas, recebe amigos e organiza pequenas festas). Na inauguração da exposição um grande baile/show em homenagem ao funk carioca na rua em frente à Gentil. Farra e festa. E provocação e nonsense. No final da terça, 3 de maio, começou um jogo novo e aberto, com poucas regras e muito improviso.

Os dias se passaram com o relógio em contagem regressiva atazanando nossa rotina. Um pavio curto e aceso com uma bomba no final. Doze funks produzidos em uma semana no estúdio Jaula do Vampiro, do Rafael Rocha, no Monouaural, do Kassin e do Berna, e no computador de cada parceiro. As músicas chegaram por email. Versões, letras, correções. Imagens, Aninha Tsunami, um coelho pernambucano gravador de vozes, compassos e descompassos, BPMs por telefone, arquivos wav, microfones, reverbs, dubs e cachaça. O funk ganhou vida e forma. Virou real num território de fantasia pura. Depois chegou a hora das pinturas, desenhos, objetos e fotografias. Mete tudo na kombi e parte pra Gentil. Uma parede vermelha e outra preta, um desenho luminoso aparece na última hora, uma televisão toca funk (Telefunk-en?), máquina de fumaça, cartaz lambe-lambe, fotografias da Dani Dacorso, o vídeo documentário FAVELA ON BLAST, do Leandro HBL, e o CANTE UM FUNK PARA UM FILME, do Emilio Domingos e Marcus Faustini.

Sempre enxerguei fúria, raiva e violência na obra do Cabelo. Agora vejo graça, humor, festa e farra, e também raiva e fúria como sempre. Divirtam-se com a exposição de Cabelo/Fininho/Barbante. Celebração da vida, do afeto, da alegria e contra a arte pobre, chata e mediocre que assola e emburrece nosso tempo.

P.S.: Fininho manda avisar que o bagulho está só começando. Ano que vem vai rolar o primeiro Festival Fininho de Funk Carioca, a TV Fininho transmitindo 24hs de funk, disco na praça, músicas no rádio, shows pela cidade e os produtos de cama, mesa e banho...



Artist's studio
Ateliê do artista

Frederico Coelho, Life is a chorus

Respected public, it is not every day that we hear the story of some of the characters of the Rio underground scene. In this exhibition, Cabelo and Gentil Carioca present a little bit about the life and work of the unforgettable antihero MC Fininho. Fininho, a good boy, had a “corpo fechado”, sported a gold chain, had nothing in his pockets or hands and wore colourful trainers. He is also known as one of the main articulators of the musical basses and of the places (quadras!) where the Baile was born and rules until today. Way back in 1983 it was MC Fininho who, after a kamikaze trip to the U.S. to embark on the spacecraft announced by George Clinton, brought back the LP “Planet Rock” under his arm. It was Fininho the boy-wonder, who led the dance in the first Bailes in Villa Lage, the cradle of his comrades from Pipo’s, and the next day, ate canjica in the jongo of Morro da Serrinha. Connoisseur of all the nooks and crannies and community radio stations, Fininho drifted between homes, families and soundsystems like a nomad of funk, spreading the word, learning the esperanto of the streets and transforming his history and the history of world music. Fininho was also present on pirate radio stations during the eighties singing a thousand times the first versions of Brazilian funk recorded with DJ Barbante, as requested by the listeners. He was also the creator of classic expressions like “tô bolado” (“I’m annoyed”) and “não tem caô” (“no hassle”) and administered the first teachings on Miami bass from the squares of the Complexo do Alemão to Praça Seca.

They say that Fininho hasn’t appeared in photos or interviews since the so-called “arrastões”, of 1992. At this time, his image was marked in the headlines as the leader of the “bonde” that came bouncing on the “474” bus, agitated, heaving, with everybody singing the “Melô da mulher feia” (“Melody of the ugly woman”). After this incident that forever branded the funkeiros cariocas, Fininho disappeared from the map and his story has become obscure. Some say it was exactly at this time that Fininho met Cabelo, a young university student and cultural activist who lived in Copacabana, that surfed on the beach with the boys from Pavão. Cabelo met Fininho at a late afternoon kickabout in the summer and the connection was instant. They sang sambas by Almir Guineto and discussed esoteric topics, laughing and talking very loudly. It was Fininho who suggested to Cabelo the theme of his first verses and the idea that making music and visual arts was a possible dream to live off. Fininho showed Cabelo that the precarious is potent, that little can be much, that the masses are the ones that heat the streets and that when the “bonde” begins, nothing can stop it.

In 1999, however, Fininho was silenced and exiled from the Bailes and the Detroit-Taquara-Luanda MPC trafficking route was interrupted. With the opening of the Funk CPI (Parliamentary Inquiry Commission into funk) in the Legislative Assembly of Rio de Janeiro, Fininho was called to give testimony as one of the main deponents. His speech was awaited by all authorities and broadcasters as urban legends attributed to him the key to the secret history of Funk, from

A vida é refrão

Respeitável público, não é todo dia que conhecemos a história de alguns personagens subterrâneos da cultura carioca. Nesta exposição, Cabelo e Gentil Carioca apresentam um pouco da vida e obra do inesquecível anti-herói MC Fininho. Fininho, rapaz de bem, corpo fechado, cordão de ouro, nada no bolso ou nas mãos e tênis colorido da moda, é um dos principais articuladores dos graves e das quadras em que nasceram e reinam até hoje os bailes funks da cidade. Foi MC Fininho, ainda em 1983, quem trouxe debaixo do braço, após uma viagem kamikaze aos EUA para embarcar na nave espacial anunciada por George Clinton, o compacto com “Planet Rock”. Era Fininho, moleque-prodígio, quem puxava a fila do Lado B nos primeiros bailes da Villa Lage, berço dos seus camaradas da Pipo’s e, no dia seguinte, almoçava canjica nas rodas de jongo do Morro da Serrinha. Conhecedor de todas as quebradas e rádios comunitárias, Fininho vagou por lares, famílias e equipes de som como um nômade do funk, espalhando a palavra, aprendendo o esperanto das ruas e transformando a sua história e a história da música mundial. Fininho também marcou presença em rádios piratas dos anos 80 cantando milhares de vezes, a pedidos dos ouvintes, as primeiras versões de funk nacional gravadas com DJ Barbante, além de criar expressões clássicas como “tô bolado” e “não tem caô” e professar os primeiros ensinamentos sobre o Miami bass das quadras do Alemão à Praça Seca.

Dizem que Fininho não aparece em fotos ou entrevistas desde os chamados arrastões de 1992. Na época, sua imagem ficou marcada nas manchetes de jornais como o líder do bonde que vinha quicando sobre o 474 nervoso, lotadão, com geral cantando a melô da mulher feia. Depois desse incidente que estigmatizou para sempre os funkeiros cariocas, Fininho sumiu no mapa e sua biografia tornou-se obscura. Alguns dizem que foi justamente nessa época que Fininho conheceu Cabelo, jovem estudante universitário, agitador cultural que morava em Copacabana e pegava onda na praia com a rapaziada do Pavão. Cabelo conheceu Fininho nas peladas de fim de tarde do verão e a empatia foi imediata. Cantavam Almir Guineto e debatiam sobre qualquer assunto esotérico falando alto e rindo muito. Foi Fininho quem sugeriu a Cabelo o mote de seus primeiros versos e a ideia de fazer música e artes visuais como um sonho possível de se viver. Fininho mostrou a Cabelo que o precário é potente, que pouco pode ser muito, que a massa fervia o caldo nas ruas e que quando o bonde forma, a vida não embarrera.

Em 1999, porém, o silêncio e o exílio de Fininho dentre os bailes e o tráfico de MPCs na rota Detroit-Taquara-Luanda foi interrompido. Com a abertura da CPI do Funk na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Fininho foi convocado como um dos principais depoentes. Sua fala era esperada por todas as autoridades e emissoras, pois lendas urbanas atribuíam a ele a chave da história secreta do Funk, desde a fundação da Soul Grand Prix até a concepção do Bagulhão da ZZ Discos, desde a dica para o sampler de “Jack Matador” até a

1. In English “closed body”. Having the “body closed” means being invulnerable against all kind of physical attacks.
2. A “Baile” is a party in which funk music is played.
3. Canjica is a sweet dish made with a white variety of corn, very typical of Brazilian cuisine.
4. Jongo is a dance and musical genre of communities from southeast Brazil. The formation of samba carioca was influenced by Jongo.
5. “Arrastão” is a slang term for robbery performed by a gang or large group.
6. A Bonde is a group of people. The term was initially used for a group of people who got together to dance Carioca funk.

RABO DE FOGUETE



QUEM VÊ PASSAR NÃO SABE

ESSE AVIÃO NINGUÉM SEGURA

ESTILO ^{VIÃO} KAMIKASE

NÃO TEM MEDO DE ALTURA

OURO DE MINA

SEU VENENO ME ALUCINA

É ÁGUA MORRO ABAIXO

FOGO MORRO ACIMA ACIMA

REGO ~~MURMURADA~~ ^{PIPA}

PIPA AVOADA AVOADA

FIO DESEMPAPADO

QUANDO ELA PISA

O CÉU ^{TODO} PISA

FAÍSCA PRATODO LADO

FREQUENTEMENTE BATE DE FRENTE

TREMENDA ^{ENTE} PORRORCA PROVOCA

MAIOR ^{ENTE} DESASSOSSO

IMENSO DELEITE

MEM ^{ENTE} DELEI

MAVE DE CADEIA

RAVE DE

RABO DE FOGUETE

Rabo de foguete

chamado

de Zé

Rabo de foguete!!!

Letra da música Rabo de Foguete
Rabo de Foguete lyric
2011
Ballpoint pen on paper
Caneta esférica sobre papel
29 x 21

the founding of the Soul Grand Prix to the design of the Bagulhão ZZ discs, from giving tips to the sampler of “Jack Matador” to the suggestion of “Marlboro” as a name to a DJ from Lins Vasconcellos. His appearance was marked by bullying from the press, women with children in laps claiming paternity tests and dancers of the Renaissance Club paying solidarity to the old friend and teacher. His testimony was enigmatic, all in the language of Congo, TTK and slang from the Chaparral Baile. He said that his father used the parangolé ‘INCORPORO A REVOLTA’ (Incorporate the Revolt) at the MAM in 1965 and that he knew by heart the eulogies of rich women about his fathers avant-garde performance that ruptured the aesthetic standards defended by the book of Ferreira Gullar. “There,” said Fininho, “I decided that my mission was to make everybody dance.” When asked if he was not afraid to have such a heavy and dark biography, Fininho answered with his most memorable quote, the one that still now marks generations of intellectuals and street urchins, “My friend, don’t concentrate on the lyrics because life is a chorus!”. After his bombastic refusal to denounce the “police” who allowed the Baile in the Bandeirantes Club in Taquara and the “husslers” who payed for the transport of the funk crew, the Funk CPI was closed due to a lack of evidence and the clamor of a public asking for the Bailes to be allowed to occur. Fininho left the Legislative Assembly and disappeared, entering into a van that was going to Cocotá, Cacuia and Bananal.

At that time, Cabelo was already a well-known artist and shared his studio with Fininho, who had his low technology studio powered by the magnetic fault of ‘Santa Clara Poltergeist’ and by the thumping bass of Pavão’s Baile on the walls of the buildings in Copacabana, Sáfeganistão’s hood . The aesthetic exchanges between the two meant that Cabelo started to compose raps and Fininho rescued, through objects and drawings, his childhood roots in the bars of the Morro do Esqueleto, listening to the legend of the death of Le Coq and the hundred bullet holes in Cara de Cavalo . Fininho started to study art theory and proposed a philosophical revolution in Funk music. He began writing his lyrics after immersion in news weeklies, conversations between bus conductors and reading long stretches of Catatau, the tropical Cartesianism book from Leminski.

The fact is, paradoxically, that the twenty-first century and all the ‘verbocovisual’ impact that the Internet and digital culture brought us was too strong for Fininho. Prophet of the sampler and montages, spokesman of the poststructuralist pancadão, our hero did not adapt to the stardom that anthropologists, musicologists and philosophers attributed to him. One sunny day, Fininho said he was going to wash his car on the street and disappeared into the paths and alleys of IAPI Olaria, the last place where witnesses saw him. Some say that the symbiosis between Fininho and Cabelo, his partner, was so strong that in some way one became the other and vice versa, and that it could no longer be distinguished where the ideas of the artist began and the ideas of the ‘funkeiro’ ended. After

sugestão de “Marlboro” como nome artístico de um DJ do Lins Vasconcellos. Sua aparição foi marcada por forte assédio da imprensa, mulheres com crianças nos colos reivindicando exames de paternidade e dançarinos do Clube Renascença prestando solidariedade ao velho amigo e mestre. Seu depoimento foi enigmático, todo feito em língua de congo, TTK e gíria do Baile do Chaparral. Disse ainda que seu pai usou o parangolé INCORPORO A REVOLTA no MAM-65 e que guardava de memória os elogios das grãs-finas para a paterna performance de vanguarda que rompia com os padrões estéticos defendido pelo livro de Ferreira Gullar. “Ali”, disse Fininho, “decidi que minha missão era fazer todos dançarem”. Perguntado se não tinha medo de carregar uma biografia tão pesada e obscura, Fininho disse o seu bordão mais inesquecível, aquele que marca até hoje gerações de intelectuais e moleques de rua: “Amigo, não se liga na letra toda porque a vida é refrão!”. Após sua participação bombástica negando-se a entregar os “poliça” que liberavam o corredor no Bandeirantes da Taquara e os “trafíca” que bancavam o transporte da galera do cerol, a CPI foi arquivada por falta de provas e pelo clamor público pedindo a liberação dos bailes. Fininho saiu da Assembleia Legislativa e sumiu da vista de todos ao entrar em uma van que ia para Cocotá, Cacuia e Bananal.

Nessa altura, Cabelo já era um artista conhecido e dividia seu ateliê com Fininho, que tinha seu estúdio de baixa tecnologia movida pela falha magnética de Santa Clara Poltergeist e pelos graves estrondosos que o Baile do Pavão aplicava nas paredes dos prédios de Copacabana, região do Sáfeganistão. As trocas estéticas entre os dois fizeram com que Cabelo compusesse raps e Fininho resgatasse através de objetos e desenhos as suas raízes da infância nos botecos do Morro do Esqueleto, ouvindo a lenda da Morte do Le Coq e os mais de cem buracos de bala do Cara de Cavalo. Passou a estudar teoria da arte e propôs uma revolução filosófica no Funk ao começar a compor suas letras após imersões em semanários de notícias, conversas entre trocadores de ônibus e longos trechos de Catatau, o cartesianismo tropical de Leminski.

O fato é que, contraditoriamente, o século XXI e todo o impacto verbocovisual que a internet e a cultura digital nos trouxeram foi muito forte para Fininho. Profeta do sampler e das montagens, orador do pancadão pós-estruturalista, nosso herói não se adaptou ao espaço de estrelato que antropólogos, musicólogos e filósofos destinavam para ele. Num dia de sol, Fininho disse que ia lavar o carro na rua e sumiu nas sendas e vielas do IAPI de Olaria, último lugar em que testemunhas o avistaram. Dizem alguns que a simbiose entre Fininho e seu parceiro Cabelo foi tão forte que um tornou-se um pouco o outro e vice-versa, não podendo mais ser afirmado onde começava as ideias do artista e terminava as do funkeiro. Após Fininho ter saído de cena, Cabelo criou em exposições no exterior e ao redor do Brasil, uma série de personagens para, quem sabe, disfarçar a presença marcante do seu parceiro-alter ego em sua vida e obra. Hoje, a pergunta que fica para todos é quem é o cria-

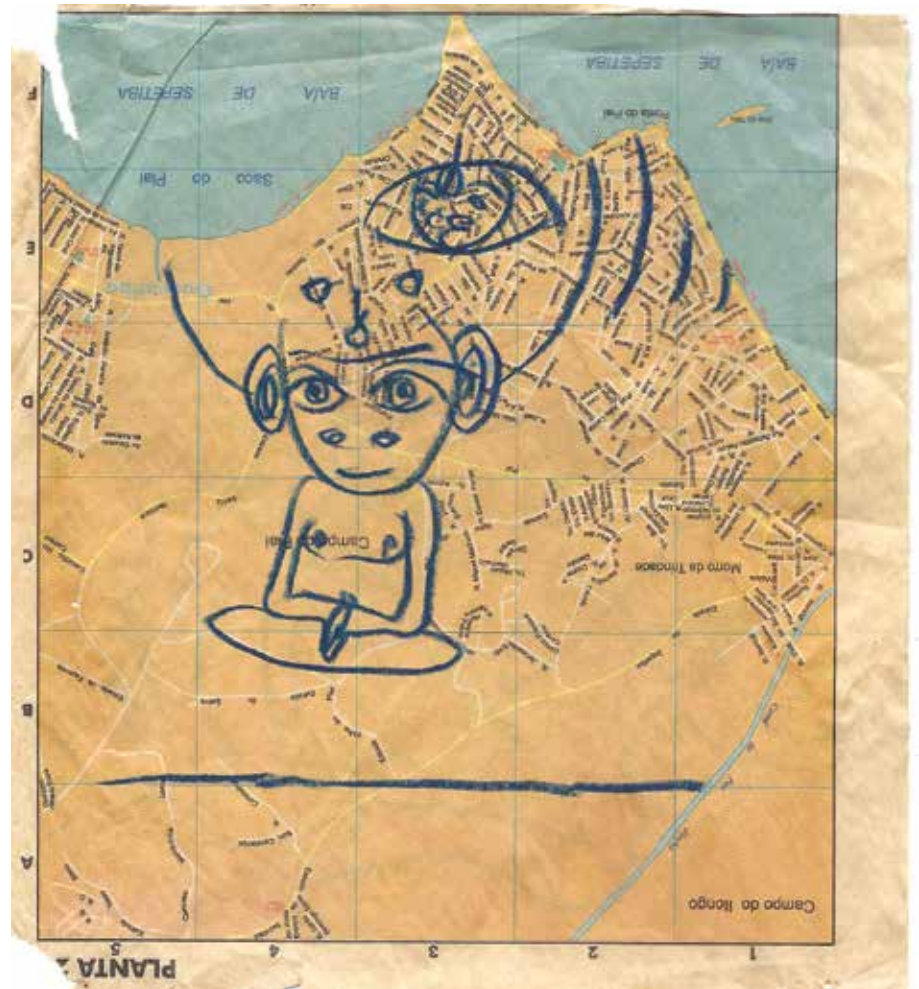
- | | |
|--|---|
| <p>7. A favela in Copacabana.</p> <p>8. Art work created by the Brazilian artist Hélio Oiticica.</p> | <p>9. ‘Santa Clara Poltergeist’ is a book by Fausto Fawcett.</p> <p>10. Refers to Sá Ferreira street in Copacabana that ends up at the Morro do Pavão.</p> <p>11. It refers to Milton Le Cocq, famous dectetive from the police of Rio de Janeiro.</p> <p>12. Cara de cavalo was a bandit who killed Milton Le Cocq and was killed by the Police in the 60’s.</p> |
|--|---|

Fininho left the scene, Cabelo created, in exhibitions abroad and around Brazil, a series of characters, perhaps to disguise the strong presence of his partner - alter ego in his life and work. Today, the question that remains for everyone is who is the creator and who is the creature. Cabelo will never answer that question, proving that the influence of Fininho in the musical and visual culture in Rio can not be contained and should not be silenced by critics and art historians. What the funks of Fininho and the art work of Cabelo, first performed together in this exhibition of Gentil Carioca, may elucidate - or increase - is this border that both invite us to cross. Because it is worth remembering that for Cabelo and Fininho, the talk is straight, the mission is sinister, and the shit is neurotic.

This text is dedicated to Fausto Fawcett and Silvio Essinger

dor e quem é a criatura. Pergunta que Cabelo nunca responderá, provando que a influência de Fininho na cultura musical e visual carioca não pode ser contida nem deve ser calada pela crítica e pelos historiadores da arte. Que os funks de Fininho e as obras de Cabelo apresentadas pela primeira vez em conjunto nesta exposição da Gentil Carioca possam elucidar - ou aumentar - esta encruzilhada que ambos nos convidam a cruzar. Porque nunca é demais lembrar que, para Cabelo e Fininho, o papo é reto, a missão é sinistra e o bagulho é neurótico.

Este texto é dedicado a Fausto Fawcett e Silvio Essinger.



*Sem título
Untitled
2011
pencil on paper
lapis sobre papel
25 x 20 cm*

Felipe Scovino, Life = Art

Collaborative and collective practices have been a constant in the last two decades, mainly due to a symptom of visual arts: the ability to constantly rethink and retrain its aesthetic and political positions. If, on the one hand the visual arts advance with the formatting of dialogues with another territories and disciplines, on the other hand, it tends to cross borders and cast doubt on the articulations and appearances from its own experimentation. I draw attention to this last point, because in this exhibition we are facing the work of an artist who always combined two artistic fields harmoniously, (music and visual arts), establishing more contact points than differences, and a curator, who despite having a solid work as an artist, never deprived himself of the function of the critic (for example as editor of the magazines Item and O CARIOCA).

Although many of these cited practices include collaborations between artists, this exhibition involves a project where artists collaborate around a culture that suffers from the swinging pendulum of media coverage and cultural revalidation for the, let's say, less fortunate. Funk, although it has in recent years left the suburbs to be a medium and product of, for example, large advertising agencies and television broadcasters¹, is still the object of prejudice as MC Marcinho would say in "Som de Preto" ("Black Sound"): "É som de preto/ de favelado/ mas quando toca/ ninguém fica parado"².

It is curious that MC's Fininho's alter ego Cabelo (itself a nickname), uses the concept of spectacle to construct a show / album / musical performance where tangible models of sociability are manifested and a mode of production that despite being craftsmanship, precarious, with an air of bricolage, is also powerful and - unambiguously - sophisticated. These two characteristics are heavily advertised and marked on the funk culture, and because of this process of dilution and commercial advertising, they tend to be lost or displaced, resulting in what could be defined as the possibility of the gradual loss of the "aura of funk." MC Fininho and his collaborators, impose, in a certain way, "the old order of funk," or an identification process that is closer to the ideology and production of this culture: the Baile³ organized for the opening of the exhibition creates a mechanism that beyond the reification of social relations, leaves us informed about a plural, polyphonic, highly potent structure, identical to the set up of Carioca Funk.

The term "cast doubt" that I used at the beginning of the text refers in this context to an artist moving towards a character, and a Baile that at any moment prescind from being a theatrical scene to becoming a central figure in the exhibition⁴. The question that MC Fininho asks - how to live together and nourish these differences? - moves us to another territory: the Baile, its guests and images must be read from the perspective of the artist, not as "political artist" but as an artist who "makes art politically." It is curious that the Baile at no point denies the elements of consumer culture, advertising or entertainment in funk - an accusation that visual arts suffers. This aspect of

Vida = arte

As práticas colaborativas e coletivas têm sido uma constante nas últimas duas décadas, devido sobretudo a um sintoma das artes visuais: a sua capacidade de repensar e requalificar a todo instante suas posições estéticas e políticas. Se por um lado as artes visuais avançam na formatação de diálogos com outros territórios e disciplinas, por outro tende a atravessar fronteiras e pôr em dúvida as articulações e aparições provenientes de suas próprias experimentações. Chamo a atenção para esse último ponto, porque nessa exposição estamos diante do trabalho de um artista que sempre dialogou de forma harmônica entre dois campos artísticos (a música e as artes visuais) estabelecendo mais pontos de contato do que diferenças, e de um curador, que apesar de ter um trabalho sólido como artista nunca se privou de atividades de exercício da crítica (cito como exemplo sua passagem como editor das revistas Item e O Carioca).

Apesar de muitas dessas citadas práticas incluírem colaborações entre artistas, essa exposição envolve um projeto onde artistas colaboram entre si em torno de uma cultura que sofre movimentos pendulares quanto a sua exibição midiática e de revalidação cultural para os, digamos assim, menos afortunados. O funk, apesar de nos últimos anos ter deixado a periferia para ser meio e produto, por exemplo, de grandes organizações publicitárias e televisivas, ainda é objeto de preconceito (como já diziam Amilcka e Chocolate em Som de preto: "É som de preto/De favelado/Mas quando toca ninguém fica parado"). É curioso que MC Fininho, o alter-ego de Cabelo (por sua vez um apelido), usa do conceito de espetáculo para erigir um show/disco/performance musical onde se manifestam modelos tangíveis de sociabilidade e de um modo de produção que apesar de ser artesanal, precário, com ares de gambiarra, é potente e - ambigualmente - sofisticado, dois campos que são fortemente anunciados e demarcados na cultura funk, e que por conta desse processo de diluição comercial e publicitário, tendem a serem perdidos ou deslocados, culminando no que poderíamos definir como possibilidade de perda gradativa da "aura do funk". MC Fininho e seus colaboradores de certa maneira impõem a "velha ordem do funk", ou um processo identitário que estaria mais próximo daquilo que cerca a ideologia e produção dessa cultura: o baile organizado para a abertura da exposição cria um mecanismo que ultrapassa a reificação das relações sociais, nos deixando a par de uma estrutura plural, polifônica e altamente potente, assim como se configura o funk.

A expressão "pôr em dúvida" que escrevi nas primeiras linhas refere-se, nesse contexto, a um artista se deslocando em direção a um personagem, e um baile que a todo o momento prescinde de ser cenário ou teatralidade para se colocar como a figura central da exposição.² A pergunta que MC Fininho faz - como viver juntos e nos alimentarmos dessas diferenças? - nos desloca para outro território: o baile, seus convidados e imagens devem ser lidos a partir de uma perspectiva onde o artista se colocou não como "artista político" mas sim, como um artista que "faz arte politicamente". É curioso que o baile em nenhum momento nega a condição de cultura de consumo, propaganda

300

1 I am referring to the fact that several performers, parties and nightclubs have been using the name of funk to promote themselves. What we perceive is that this (counterfeit) funk does not always correspond to the "carioca funk", produced in the poor communities of Rio de Janeiro, and the motive of collaborative practices promoted by Cabelo for the exhibition

2 in question. It was also noted that this style of music uses different fundamentals from the ones used by the "funk carioca".

(It's the black sound / of the slum dweller / But when it plays no one stands still")

3 A "Baile" is a party in which funk music is played.

4 We should remember that one of the products generated by the exhibition is a catalog containing a CD with the songs performed under a collaboration between Cabelo and the guest artists.

1 Refiro-me ao fato de que vários intérpretes, festas e clubes noturnos têm se utilizado da alcunha do funk para se promoverem. O que percebemos é que esse funk (falseado) nem sempre corresponde ao chamado "funk carioca", produzido em comunidades carentes do Rio de Janeiro e motivo das práticas colaborativas promovidas



por Cabelo para a exposição em questão. Observa-se também que esse estilo musical utiliza bases distintas das usadas pelo "funk carioca".

2 Lembremos também que um dos produtos gerados pela exposição é um CD-catálogo contendo as músicas efetuadas em regime de colaboração entre Cabelo e os artistas convidados.

Artist's studio
Ateliê do artista

seduction is accentuated at all times. However, there is a radical difference in taking this stance. To bring the culture of the periphery to the art market, not with spectacular packaging, but as the show that it always was. Without makeup and false mindless speeches, nor through representing in the most naïve and easy way possible the articulations and manifestations of funk, MC Fininho exposes the sincere core of a funk that may be aggressive in speech but displays in the formation of it's collaborative body the sense of a world that is deeply sensitive and affectionate. It is in this dubiety between the image of it and what funk really expresses, that MC Fininho builds and organizes his arsenal of images. The objects exhibited are not ways to understand the song or the literal production of what is being heard, but the composition of a network, an intermittent dialogue between sound and image, or between object and immateriality.

If we consider a function for art, it lies precisely in its ability to destabilize and critique conventional (or distorted) ways of representation and identity. So, it becomes evident in the collaborative action of MC Fininho (or Cabelo) that art has not, in fact, a positive content, but is the product of an intensely somatic form of knowledge, since projects like this "challenge us to recognize new modes of aesthetic experience and new grids for thinking about identity through the exchange of densely textured, haptic and verbal processes that occur in the interaction."⁵ The Baile of MC Fininho invites us to realize how we engage in dialogue and see the Other, how we reprocess difference, and calls attention to the exchange itself as a creative practice and element of social exchange. Enjoying the Baile, then, is to live with differences, constitute our subjectivity, and in a mix between utopia and desire, to shape a better world. Perhaps we intuitively already knew this, but this exhibition is a proposal to clarify that the apparent outbreak and ownership of difference are the constituent parts of our culture and ourselves.

ou entretenimento - acusações que as próprias artes visuais sofrem - do funk. Esse aspecto da sedução é acentuado a todo o momento. Porém, há uma diferença radical ao adotar essa postura. Trazer a cultura da periferia para o mercado de arte não com uma embalagem espetaculosa, mas como o espetáculo que ela sempre foi. Sem falsas maquiagens e discursos acéfalos, nem representando da maneira mais ingênua e fácil as articulações e manifestações do funk, MC Fininho expõe as entranhas de uma cordialidade, de um funk talvez agressivo no discurso e na exposição de uma ideia de mundo mas profundamente sensível e afetuoso na formação desse corpo colaborativo. É nessa dubiedade entre a imagem que se faz dele e o que realmente o funk expressa, que MC Fininho constrói e organiza seu arsenal imagético. Os objetos expostos não são formas para se entender a canção ou produções "literais" daquilo que está sendo ouvido, mas a composição de uma rede, de um diálogo intermitente entre som e imagem, ou entre objeto e imaterialidade.

Se pensarmos numa função para a arte, ela reside precisamente na sua habilidade de desestabilizar e criticar as formas convencionais (ou distorcidas) de representação e identidade. Portanto, ficam evidentes nas ações colaborativas de MC Fininho (ou Cabelo) que a arte não tem, de fato, qualquer conteúdo positivo, mas é o produto de uma forma intensamente somática de conhecimento, visto que projetos como esse "nos desafiam a reconhecer novos modos de experiência estética e novas grades para pensar a identidade através de trocas densamente texturizadas, hápticas e verbais que ocorrem nos processos de interação colaborativa."³ O baile de MC Fininho nos convida a perceber o modo como dialogamos e vemos o Outro, como reprocessamos a diferença a nosso modo, além de nos chamar a atenção para a própria troca como práxis criativa e elemento de câmbio social. Curtir o baile, portanto, é conviver com diferenças, constituir a nossa subjetividade, e num misto entre utopia e desejo, moldar um mundo melhor. Talvez de modo intuitivo já soubéssemos disso, mas nessa exposição fica evidente a proposta de tornar aparente que a manifestação e apropriação da diferença é parte constituinte da nossa cultura e de nós mesmos.

5 I am referring to the fact that several performers, parties and nightclubs have been using the name of funk to promote themselves. What we perceive is that this (counterfeit) funk does not always correspond to the "carioca funk", produced in the poor communities of Rio de Janeiro, and the motive of collaborative practices promoted by Cabelo for the exhibition

3 Cf. KESTER, Grant H. *Colaboração, arte e subculturas*, in *Caderno Videobrasil 2*, São Paulo, Associação Cultural Videobrasil, 2006, p. 31.



Silvio Essinger, A Brief History of Carioca Funk

In the beginning was the Baile. The meeting of young locals in front of an innovation: funk.

And at the dawn of the '70s, funk was wild dancing, dirty, sexual, dangerous and seductive at the same time, with which the American James Brown drew hearts, hips and minds worldwide. Baile Funk: instead of the sound of leather, wood and ropes of samba, it used the powerful speakers of the soundsystem to trumpet grooves to the delight of kids that were short on money and high in spirit. A black tsunami followed the tracks from the Central station, flooded the suburbs, and its victims celebrate it until today: every weekend the funk still plays, and people still say "já é, demorou" ("Hey, let's go!").

Since the '70s, funk music went through successive mutations - disco, discofunk, eletrofunk, hip-hop ... these innovations were embraced without difficulty by Baile Funk DJs. Swallowed up like Bishop Sardinha who landed in Ramos beach, this alien sound was incorporated into local drumming and chanting. And turned into the music of a city that was born in samba and raised in the ratatata of guns. It turned into the batidão, pancadão (Big Beat)... the music of the Rio Bailes - the Baile that began with James Brown and entered the new millennium without losing the nickname funk.

It was in the late '80s that the screaming crowd, playing with that chorus in English that nobody understood, produced a new version of the music. "Doo wah diddy diddy diddy dumm", was sung by the American MC on one side of disk. On the other side, the masses shouted back: "mulher feia chupa p* e dá o c*" (ugly woman sucks d* and gives her a*). Without sin and without judgement. The DJ copied the beats, tempered the lyrics "cheira mal como urubu" ("stinks like a vulture") and played the song at the Baile. The "Melô da Mulher Feia" (Melody of the Ugly Woman) was born, the first ever success of Brazilian Funk (Rio of origin).

The message ran and hit the city slums. Holding imported weaponry the boys yelled - Play the Volt Mix DJ! - The boys who shouted and waved at the Bailes never stopped terrifying: they did raps to tell us where they were from, how they lived and what they wanted. The Baile played and they continued. One day, the entire city learned that happiness could be found there, where for a long time it seemed to have been banned. "Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci, e poder me orgulhar, e ter a consciência que o pobre tem seu lugar" (RAP DA FELICIDADE, de Cidinho e Doca, MCs da Cidade de Deus). The funk took its time to take hold, but then it exploded.

Rio listened, Brazil listened. And danced. But violence made the headlines: fights, brawls, bad manners, noise that would't allow the neighbors to sleep ... funk embodied all of that, as if a musical genre could be blamed for all the wrong things in the Cidade Maravilhosa. Meanwhile, few were aware that a cultural revolution was underway. An underground revolution, not noted in the so called mainstream culture.

Even so, with more headlines in the crime pages than in the cultural pages, funk didn't get fazed. It spoke of love, of celebration and of the not always pretty reality of the favela. It inspired impossible dance moves.

Breve história do funk carioca

No começo, era o baile. Reunião de jovens cariocas diante de uma novidade: o funk. E naquela alvorada de anos 70, funk era o balanço selvagem, sujo, sexual e tão perigoso quanto sedutor, com que o americano James Brown arrastava corações, quadris e mentes mundo afora. Baile funk: ao invés dos couros, madeiras e cordas em que soavam o samba, potentes alto falantes das equipes de som trombeteando grooves para a felicidade da moçada de grana curta e disposição longa. Um tsunami black seguiu pelas linhas da Central, inundou subúrbio e baixada, e as vítimas até hoje comemoram: todo fim de semana, o baile funk ainda é, já é, demorou.

Ao longo do tempo, porém, a música dos gringos passou por sucessivas mutações - disco, discofunk, eletrofunk, hip-hop... novidades acolhidas sem grilos pelos DJs do baile. Deglutido tal qual um Bispo Sardinha que aportasse na Praia de Ramos, esse som alienígena se incorporou então aos batuques e cânticos locais. E virou a música de uma cidade que nasceu no samba e se criou no ratatata das metralhadoras. Virou o batidão, pancadão... a música do baile carioca - aquele baile que começou com Brown e entrou pelo novo milênio sem perder a alcunha funk.

Foi no final dos anos 80 que o grito da galera, a zoação com aquele refrão em inglês que ninguém entendia, virou produção. Doo wah diddy diddy dumm diddy do, mandava o MC americano de um lado, em disco. Do outro, em viva voz, a massa devolvia: mulher feia chupa p* e dá o c*. Sem pecado e sem juízo. O DJ copiou os beats, amenizou a letra ("cheira mal como urubu") e botou no baile: nascia a "Melô da Mulher Feia", primeiro sucesso do Funk Brasil (carioca de origem).

A mensagem correu cidade e bateu nas favelas. Com armamento importado - solta o Volt Mix, DJ! - os meninos que se sacudiavam e berravam nos bailes saíram apavorando: fizeram raps para contar de onde eram, como viviam e o que queriam. O baile tocou e eles fizeram mais. Um dia, o Rio inteiro tomou conhecimento de que a felicidade poderia ser encontrada lá, onde há muito ela parecia ter sido banida. "Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci. E poder me orgulhar. E ter a consciência que o pobre tem seu lugar" ("Rap da Felicidade", de Cidinho e Doca, MCs da Cidade de Deus). O funk demorou, mas abalou.

O Rio ouviu, o Brasil ouviu. E dançou. Mas a violência no local é que ganhou as manchetes: brigas, arrastões, maus modos, um barulho que não deixava a vizinhança dormir... o funk encarnava tudo isso, como se fosse possível um gênero musical ser culpado por tudo que havia de errado na Cidade Maravilhosa. Enquanto isso, poucos se davam conta de que uma revolução cultural estava em curso. Uma revolução marginal, sem registro, na chamada cultura oficial.

Mesmo assim, com mais manchetes nas páginas policiais do que no caderno de espetáculos, o funk não se intimidou. Falou de amor, de festa e da nem sempre bonita realidade da favela. Inspirou danças impossíveis. Pilhou a música pop da juventude classe média, as cantigas de

It invaded the pop music of the middle class youth, the rhymes of their grandparents, the western sertanejo records (Jack Matador!), the percussion of umbanda communities ... and arrived in 2000 with a character of its own, ready for further invasions.

Those who saw it, lived it. The Bonde do Tigrão paving the way for the ripped young people of the slum to exhale sensuality. Tati Quebra-Barraco giving it back to the sexist MCs. Mr. Catra mixing sex, religion and political awareness with an authoritative voice of thunder. Serginho and the sadly missed Lacaia challenging sexual stereotypes by using innocent jokes. Leo making everyone dance easy. And Créu making everyone f* in five speeds.

Today, funk is sound, light, dance, a masters thesis, a source of income, trouble with the police and success in Europe (after all, which German DJ resists the pressure of it's gutsy beats?). Funk is the "Mulher fruta" ("fruit woman"), having fun with internet videos, making fun of the tanned blonde from São Paulo, the videogame soundtrack and the theme of TV debates.

In the country where everything used to end with samba ... Today it is baile funk that has the answer. Too bad James Brown is no longer around to see what his seed turned into.

roda dos avós, os disquinhos de faroeste sertanejo (Jack Matador!), a percussão dos terreiros de umbanda... e chegou ao ano 2000 com uma cara própria, pronto para outras invasões.

Quem viveu, viu. O Bonde do Tigrão abrindo o caminho para os jovens sa-rados da favela exalarem sensualidade. Tati Quebra-Barraco dando o troco aos MCs machistas. Mr. Catra misturando sexo, religião e consci-ência política com autoridade e voz de trovão. Serginho e o saudoso Lacaia desafiando estereótipos sexuais, com humor de piada de salão. Leozinho fazendo todo mundo dançar com suavidade. E o Créu botando tudo pra f em cinco velocidades.*

Hoje, funk é som, luz, dança, tese de mestrado, fonte de renda, problema com a polícia e sucesso na Europa (afinal, que DJ alemão resiste à pressão de seus beats feitos na raça?). É mulher fruta, tiração de sar-ro na internet, curtição da lourinha paulistana, trilha de videogame e tema dos programas de debates na TV. No país onde tudo acabava em samba... hoje o funk é que tem a resposta. Pena que James Brown não está mais aí pra ver no que deu aquela sua semente.



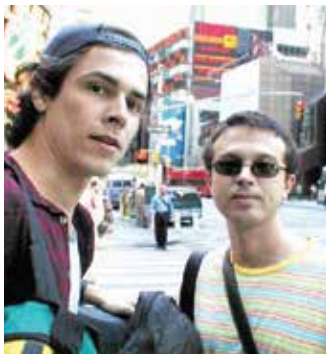
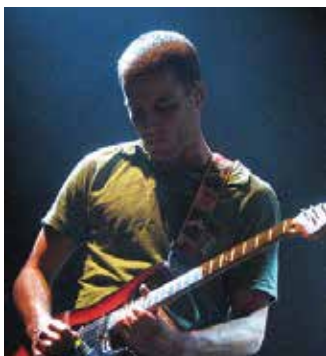
Sem título
Untitled
2011
pencil on paper
lápiz sobre papel
20 x 25 cm



Sem título
Untitled
2011
oil on fabric
óleo sobre tecido
210 x 158 cm



Sem título
Untitled
2011
oil on fabric
óleo sobre tecido
210 x 159 cm



Os funks

EXUBERÂNCIA (letra e música cabelo, leo saad e leo leobons / produzido por leo saad) *exu é número um // peça licença pra começar / quem tem todas as linguas pra conversar / numa perna só o mundo ele roda / e coloca as coisas pra copular // na encruzilhada ele chega / aqui agora ele está / quem é que abre os caminhos? // exu elebara exu elebara // no sapato / pisando com elegância / exuberância*

RAP DO CARTÃO POSTAL (letra e música cabelo e pedro luís / produzido por berna ceppas e sany pitbull) *qual é tua favela? / morro azul é minha janela / e a tua meu irmão? / minha janela é o pavão / que é que tu vê do céu? / minha casa, o borel / você meu outro irmão? / meu quintal é o alemão / tua barra é da tijuca / mas a minha é mais pesada / o que tu vê da tua varanda? / eu vejo da minha sacada / rocinha, pavãozinho / fogueteiro e vidigal / do gargalo da garrafa / eu vejo todo litoral / mangueira já cantaram / teu cenário é uma beleza / na crista do cantagalo / lá tem muita natureza / quem não conhece a favela / pensa que só tem feiúra / mas é só se aproximar / encontra muita formosura / você sobe em qualquer canto / e logo enxerga o visual / por isso vem cantar comigo / o rap do cartão postal / au au au / que visual / au au au / cartão postal*

RABO DE FOGUETE (letra e música cabelo / produzido por marcelo lobato) *quem vê passar nao sabe / esse avião ninguém segura / estilo kamikaze / não tem medo de altura // pipa avoadada / fio desencapado / quando ela pisa / o céu / faísca pra todo lado // frequentemente bate de frente / tremenda pororoca / provoca // maior desassossego / imenso deleite / a mina é chave de cadeia / rabo de foguete*

SEGURA QUE É GAROUPA (letra cabelo, música cabelo e ricardo imperatore / produzido por ricardo imperatore) *segura a garota / segura que é garoupa / segura agora / so quem sabe faz na hora // segura e fala / e cala pra beijar na boca // segura a garota / segura que é garoupa / segura agora / so quem sabe faz na hora // são duas onças / dez araras / vinte garças / são cinquenta tartarugas / um cento de beija flor // segura a garota / segura que é garoupa / segura agora / só quem sabe faz na hora // segura e cala / e fala pra tirar a roupa*

MELÔ DO BOMBEIRO (letra e música cabelo / produzido por kassin) *apresentando ana tsunami ai que dia quente / que noite de calor / não consigo fazer nada / só quero fazer amor // a temperatura sobe / e eu entro em combustão / agora já começa / a pegar fogo meu colchão // meu quarto em chamas / o prédio em chamas / o bairro em chamas / cidade em chamas // bombeiro! / fogo no país inteiro / bombeiro! / fogo no país inteiro // eu vou chamar o bombeiro / vou sair do desespero / vou chamar o bombeiro // eu vou pegar na mangueira / trepar no carrão vermelho / sirene do bombeiro*

MELÔ DO MOTOTAXI (letra cabelo, roberto valente e guilherme guimarães / produzido por rafael rocha e rodrigo coelho) *não tem cerol com a minha antena / no meio da honda / cortando a cidade / equilibrando na onda // méier catete / no meio do mundo / sem capacete / quando vale o assunto // são quase duas / e a noite não quer descansar / numa corrida / pro baile funk dançar // morena do esquema / fez o sinal pá parar / foi só subir na garupa / e o coração celerar // na subida do morro / conheci você conheci você*



ninguém pode me abater canção do swami ram tirtha (produzido por claudio monjope e paulo vivacqua) *ninguém pode me abater / quem vai me ferir / ninguém pode me abater / quem vai me ferir // o mundo se afasta / pra dar lugar a mim / cheguei luz fulgurante / as sombras vão fugir // oh oceano / divida-se agora / ou seque e queime / evapora e vai embora // ninguém pode me abater / quem vai me ferir / ninguém pode me abater / quem vai me ferir // cuidado oh montanhas / saiam do caminho / ou serão abaladas / e derrubadas hoje // amigos conselheiros / não percam o seu tempo / sigam minhas ordens / conquistem a morte // ninguém pode me abater / quem vai me ferir / ninguém pode me abater / quem vai me ferir // cavalgo a tempestade / montado no vento / minha arma é o raio / e meu tiro é certo // eu sou o caçador / que caça e devora / as matas montanhas / a terra e o mar // atrelo à carruagem / destinos e deuses / na voz do trovão / eu proclamo a todos // soprem oh ventos / ressoem trombetas / liberdade liberdade / liberdade om*

BONDE DO OSAMA (letra e música cabelo / produzido por dj nepal) *de que lado você tá? / quantos lado o mundo tem? / quantos lado o mundo tem? / de que lado você tá? // jardim américa / jardim de alah // quantos lado o mundo tem? / de que lado você tá? / de que lado você tá? quantos lado o mundo tem? // lá vem o boeing lá vem o bonde / lá vem o trem // osama bin laden / bin laden // e não adianta matar / e jogar no mar / porque cê mata um / e vem outro no lugar // osama bin laden / bin laden*

NA BOCA DO TUBARÃO (letra e música cabelo / produzido por lucas santana) *dinheiro na mão / as cachorra abana o rabo / amor de ocasião / cerveja, caspa do diabo // a noite é preta / o cão é preto / seu focinho uma lanterna / andando pelo labirinto / da floresta pra caverna // fala palavra / lava de vulcão / quanto fogo tem a boca / quantas boca o fogão? // fareja o cão / escama de peixe / na boca do tubarão*

PAGA PÁ NUM VÊ (letra e música cabelo / produzido por jongui) *parado no sinal / tá tenso no volante / da mineira pra coroa / cê vê tecê bala traçante // aranha tem oito olhos / todos eles mira laser / você volta do trabalho / tremendo dentro da blazer // protegido pelas grades / tú parece encarcerado / da garagem do edifício / já sai no carro blindado // paga pá num vê / reza pá num perdê*

BAILE DO PIGMEU (letra e música cabelo / produzido por marcelo callado) *se ligãe cumpadi: o maior minimalista é o pigmeu // baile do pig pig / baile do pigmeu / morro do pigmeu / menor morro do mundo / pequeno mas é brabo / se liga vagabundo // o tamborzão da selva / vem do coração das trevas / de onde veio adão / pretinho como a eva / pretinho como a eva / pretinho // sopra na zarabatana / um zumbido atarzana / baila ascachorreasgata / as macaca as ratazana // baile do pig pig / baile do pigmeu*

The DJs Barbantes

LEO SAAD is a guitarist and percussionist. He began to play professionally with the band Boato in the end of the 1990s. In 2000 he entered attended drumming workshops with Monobloco and with the percussionist Leo Leobons (afro-cuban percussion) and Nei De Oxossi (afro-brazilian percussion), two of the key masters of Brazilian drumming. He has played with artists such as Lenine, Sergio Loroza, Ramiro Musotto, Lucas Santtana, Erenilton Bispo dos Santos, Botecoelero and Rita Ribeiro, among others. Currently He plays with Monobloco e Pedro Luís e a Parede.

SANY PITBULL is a DJ and an MPC sampler master! He is a producer, social entrepreneur, coordinator and curator of Favela Beats RedBull/AfroReggae. Promoter of true funk carioca and baptized the sound post-baile funk. In his sets, samples from diverse bands show up, ranging from White Stripes, Dire Straits and Eurythmics all mashed up with the tamborzão (big beat) on the MPC. He is the most successful funk DJ outside of Brazil, where he lives running an intense schedule of gigs and tours.

BERNA CEPPAS got his start as a guitarist and graphic designer, and his first sampler changes his life in the beginning of the 1990s, and from there, he was on it. He has produced many artists including : Fernanda Abreu, Caetano Veloso, Jorge Mautner, Adriana Calcanhotto, Canastra, Wander Wildner, Acabou La Tequila, Autoramas, Gabriel o Pensador, Bebel Gilberto and others. In 2002 he started the Orquestra Imperial and the band F.UR.T.O. and created soundtracks for many films including: 2 filhos de Francisco, Céu de Sueli, Árido Movie, Simonal, O Bem Amado and others. He has made soundtracks for TV including for shows such as Brasil Legal, and Muvuca. He has composed for such performances as Cia de Dança Deborah Colker, as well as oVo by Cirque Du Soleil. In the land of the visual arts, he produced an album by Chelipa Ferro and worked supporting many works by the group, as well as the soundtrack for a video by Tunga for the project Destricted. The better part of what is most interesting in the contemporary music scene passes through his studio Monoaural and his label PingPong Discos.

MARCELO LOBATO (that guy who uses springs in his shoes) is a Carioca musician from the borough Flamengo. He is a drummer, vibraphonist, keyboardist, composer, arranger and gets done he does. He has worked with Fausto Fawcett, Fernanda Abreu, Lenine, Silvia Machete among others. Co-founder of the bands Afrika Gumbé and O Rappa which I think should be applauded.

RICARDO IMPERATORE is a musician and producer. Graduate in percussion from the Conservatório de Música Pró-Arte and a graduate in music theory from the Escola de Música Villa Lobos. In the 1980s he was a member of the Banda Bel and in 1994 started his solo career. In 2000 he began his research for the project boTECOelero, which unites Brazilian music, samples, electronic beats, loops and invited guests. The cd boTECOelero, released in 2004, was voted Best of the year by Prêmio Tim de Música - 2005 in the category of electronic music. In 2007 boTECOelero toured London, Paris, Berlin, Amsterdam, Barcelona, Vienna, Torino, Bologna, Graz, Hamburg, La Paz, Copenhagen, Antuérpia, Vienna, Liechtenstein and New York.

KASSIN is a multi-instrumentalist, composer and producer. Carioca from Rio de Janeiro, Kassin started his musical career as a bassist for one of the best underground bands in Rio, Acabou La Tequila. In 2000 he created the trio +2

Os Djs Barbantes

LEO SAAD é guitarrista e percussionista. Começou a tocar profissionalmente com a banda Boato no final dos anos 90. Em 2000 ingressa na oficina de percussão do Monobloco e tem aulas com os percussionistas Leo Leobons (percussão afro-cubana) e Nei De Oxossi (percussão afro-brasileira), dois dos maiores mestres dos tambores no Brasil. Já tocou e gravou com nomes como Lenine, Sérgio Loroza, Ramiro Musotto, Lucas Santtana, Erenilton Bispo dos Santos, Botecoelero e Rita Ribeiro entre outros. Atualmente toca com o Monobloco e Pedro Luís e a Parede.

SANY PITBULL é DJ MPC Master! Produtor musical, empreendedor social, coordenador e curador do Favela Beats RedBull/AfroReggae. Expoente da vertente do funk carioca batizada de "pós-baile funk". Em seus sets, samples de bandas tão diferentes como White Stripes, Dire Straits e Eurythmics são misturadas ao ritmo do tamborzão no MPC. É o DJ de funk carioca mais bem-sucedido no exterior, onde vive cumprindo uma intensa agenda de turnês.

BERNA CEPPAS era originalmente guitarrista e artista gráfico, mudou de vida quando comprou seu primeiro sampler no início dos anos 90, aí meu amigo... muita pressão! Produziu vários artistas: Fernanda Abreu, Caetano Veloso, Jorge Mautner, Adriana Calcanhotto, Canastra, Wander Wildner, Acabou La Tequila, Autoramas, Gabriel o Pensador, Bebel Gilberto etc. Em 2002 fundou a Orquestra Imperial e a banda o F.UR.T.O., fez trilhas sonoras para vários filmes: 2 filhos de Francisco, Céu de Sueli, Árido Movie, Simonal, O Bem Amado etc. E trilhas para tv: Brasil Legal, Muvuca, etc. É também autor de todas as trilhas dos espetáculos da Cia de Dança Deborah Colker, inclusive a do espetáculo oVo do Cirque Du Soleil. No campo das artes plásticas produziu e lançou album do Chelipa Ferro e dá suporte para várias obras do grupo, fez também a trilha sonora do vídeo do Tunga para o projeto Destricted. No seu Estúdio Monoaural e no selo PingPong Discos passam boa parte do que há de mais interessante na cena contemporânea da música brasileira.

MARCELO LOBATO (aquele que usa mola no sapato) é músico carioca do Flamengo. Baterista, vibrafonista, tecladista, compositor, arranjador e o que a necessidade exigir. Trabalhou com Fausto Fawcett, Fernanda Abreu, Lenine, Silvia Machete entre outros. Co-fundador das bandas Afrika Gumbé e O Rappa a quem eu peço uma salva de palmas.

RICARDO IMPERATORE é músico e produtor formado em bateria pelo Conservatório de Música Pró-Arte e teoria musical pela Escola de Música Villa Lobos. Nos anos 80 integrou a Banda Bel e em 94 iniciou carreira solo. Em 2000 começou as pesquisas do projeto boTECOelero, que une música brasileira, samples, batucadas eletrônicas, loops e músicos convidados. O cd boTECOelero, lançado em 2004, foi eleito o melhor do ano no Prêmio Tim de Música - 2005 - categoria música eletrônica. A partir de 2007 o boTECOelero realizou tour por Londres, Paris, Berlin, Amsterdam, Barcelona, Vienna, Torino, Bologna, Graz, Hamburg, La Paz, Copenhagen, Antuérpia, Vienna, Liechtenstein e Nova York.

KASSIN é multinstrumentista, compositor e produtor. Carioca, Kassin inicia sua vida musical como baixista de uma das grandes bandas do underground do Rio de Janeiro, Acabou La Tequila. Em 2000 cria o trio +2, com Moreno Veloso e Domenico Lancelotti e gravam três álbuns: Máquina de escrever (2000), sob liderança de Moreno, Sincerely hot (2003), sob liderança de Domenico e Futurismo, sob sua liderança. Também com o trio +2 compôs a trilha sonora ímã para o grupo

with Moreno Veloso and Domenico Lancelotti and recorded three albums: Máquina de escrever (2000), led by Moreno, Sincerely hot (2003), led by Domenico and Futurismo, led by himself. In addition with the +2 he composed the soundtrack Ímã for the Groupo Corpo (2010) and participated in the tour of the singer Adriana Calcanhoto. Kassin is also a founding member of the Orquestra imperial, plays carnival as part of Charanga 3-D and maintains his solo project Artificial, his studio Monoaural and the label PingPong Discos. As a producer he has signed off on some of the most important records of the 00 years, including: Los Hermanos (Ventura e 4), Vanessa da Matta, Adriana Calcanhoto, Caetano Veloso, Jorge Mautner, Mallu Magalhães, Marcelo Jeneci, Dado Villa-Lobos and others.

RAFAEL ROCHA is a drummer, composer and producer. Um dos fundadores do performático Brasov, tocou com o coletivo áudio-visual Binario e com Adriana Calcanhoto. Atualmente faz improvisos sonoros com a banda Rabotnik, integra o grupo Tono, inventa instrumentos como o “Chocalho de dentes” e prepara seu primeiro disco solo produzido por Arto Lindsay.

PAULO VIVACQUA is a musician and visual artist. Trained as a pianist and composer and electroacoustic composition, his work occurs at the crossroads between sonic events and works that relate intrinsically with their ambients and surrounding architectures. Vivacqua constructs invisible passages in empty spaces, where sounds suggest imaginary narratives, as an open composition, with multiple entry points and exists.

CLAUDIO MONJOPE is a huge force of urban semiotic nature with anarchy as part of his essence. Call him. (+55 21 8284 2021). Together with Paulo Vivacqua he created the duo Dubussy-Bach Restaurant in 1998, an icon of confusion between erudite and alternative cultures, anti-ultra after-pop.

DJ NEPAL is a DJ and soundtracks producer since 1996 in the Carioca scene. His sets are comprised of diverse grooves and musical styles. In 2000 he founded the collective Apavoramento Sound System, a crew composed of DJs and visual artists. Nepal has played at the main clubs and parties of Brazil..

LUCAS SANTTANA is a composer, singer, instrumentalist and producer. From Bahia and radicalized in Rio de Janeiro, Lucas traverses many diverse schools of sound. The song is not the center of his musical universe, but all of his work consists in create layers of sounds to dress these songs. Afrobeats, dub, sambas, guitar rock and funk cariocas are just a few of the perceptible influences in his four records: Eletro Ben Dodô (2000), Parada de Lucas (2003), 3 Sessions in a Greenhouse (2006) e Sem Nostalgia (2009). In this last record He used his technology to reinvent the voice/guitar relationship in contemporary Brazilian music. His fifth record will contain experimentations with the universe of symphonic orchestras.

JONGUI is a musician. He has worked with Ramiro Musotto, Zeca Baleiro, Cabelo, Vulgue Tostoi, Jorge Mautner, Lulu Santos, Lobão, Jards Macalé, Gal Costa, Kelly Key, Lenine, Tizumba, Ritchie, Lucas Santtana, Siri, Daude, Buana 4, Rita Ribeiro, Sacha Amback, Plinio Profeta, Z’Africa Brasil, Daniela Mercury, Mauricio Negão, and others. Currently he plays with Raquel Coutinho.

MARCELO CALLADO is a drummer. He plays with Do Amor, Caetano Veloso, Lucas Santtana e Rubinho Jacobina. He’s played with others as well. Sometimes he plays tracks like a DJ, and sometimes he writes songs.

Corpo (2010) e participou de turnês com a cantora Adriana Calcanhoto. Kassin é também membro fundador da big band Orquestra Imperial, agita os carnavais como integrante da Charanga 3-D e comanda seu projeto solo Artificial, o estúdio Monoaural e o selo PingPong Discos. Como produtor assinou alguns dos principais álbuns dos anos 00: Los Hermanos (Ventura e 4), Vanessa da Matta, Adriana Calcanhoto, Caetano Veloso, Jorge Mautner, Mallu Magalhães, Marcelo Jeneci, Dado Villa-Lobos entre outros.

RAFAEL ROCHA é baterista, compositor, percussionista, produtor, botafoguense e pai. Um dos fundadores do performático Brasov, tocou com o coletivo áudio-visual Binario e com Adriana Calcanhoto. Atualmente faz improvisos sonoros com a banda Rabotnik, integra o grupo Tono, inventa instrumentos como o “Chocalho de dentes” e prepara seu primeiro disco solo produzido por Arto Lindsay.

PAULO VIVACQUA é músico e artista plástico. Com formação em piano e composição, escrita e electroacústica, seu trabalho acontece a partir do cruzamento entre acontecimentos sonoros e visuais em obras que se relacionam intrinsecamente com o ambiente e a arquitetura a sua volta. Vivacqua constrói caminhos invisíveis em um lugar vazio, onde os sons sugerem narrativas imaginárias, como em uma composição aberta, de múltiplas entradas e saídas.

CLAUDIO MONJOPE é uma força da natureza urbana-semiótica e anárquica em sua essência. CALL HIM (21) 8284-2021 / Junto com Paulo Vivacqua criou a banda (duo) Debussy-Bach Restaurant em 1998, um ícone da confusão entre cultura erudita e alternativa, anti-ultra after pop.

DJ NEPAL é Dj e produtor de trilhas sonoras atuante desde 1996 no cenário carioca. Seus sets são compostos por diversidade de grooves e estilos musicais. Em 2000, fundou o coletivo Apavoramento Sound System, crew de Djs e artistas visuais. Como Dj, Nepal já se apresentou nos principais clubes e baladas do Brasil.

LUCAS SANTTANA é compositor, cantor, instrumentista e produtor. Baiano radicado no Rio de Janeiro, Lucas transita por diversas escolas sonoras. A canção está no centro do seu universo musical, mas todo seu trabalho consiste em criar camadas de sons para vestir essas canções. Afrobeats, dubs, sambas, guitarradas e funks cariocas são algumas das influências perceptíveis em seus quatro discos: Eletro Ben Dodô (2000), Parada de Lucas (2003), 3 Sessions in a Greenhouse (2006) e Sem Nostalgia (2009). Nesse último ele usou a tecnologia para fazer uma reinvenção do formato voz e violão na música brasileira contemporânea. Seu quinto disco sai esse ano e trará experimentações com o universo das orquestras sinfônicas.

JONGUI é músico. Trabalhou com Ramiro Musotto, Zeca Baleiro, Cabelo, Vulgue Tostoi, Jorge Mautner, Lulu Santos, Lobão, Jards Macalé, Gal Costa, Kelly Key, Lenine, Tizumba, Ritchie, Lucas Santtana, Siri, Daude, Buana 4, Rita Ribeiro, Sacha Amback, Plinio Profeta, Z’Africa Brasil, Daniela Mercury, Mauricio Negão, entre outros. Atualmente toca com Raquel Coutinho.

MARCELO CALLADO é baterista. Toca com Do Amor, Caetano Veloso, Lucas Santtana e Rubinho Jacobina. Já tocou com outros também. As vezes bota um som como DJ, e as vezes compõe umas canções.

Captura de Tela 2013-07-24 às 15.11.07 (4 documentos, 4 páginas no total)

Captura de Tela 2013-07-24 às 15.11.07 (4 documentos, 4 páginas no total)

Editar Fotos Eventos Última Importação

iPhoto Arquivo Editar Fotos Eventos Compartilhar Janela Ajuda

BIBLIOTECA

iPhoto Arquivo Editar Fotos Eventos Compartilhar Janela Ajuda

Captura de Tela 2013-07-24 às 15.11.07 (4 documentos, 4 páginas no total)

iPhoto Arquivo Editar Fotos Eventos Compartilhar Janela Ajuda

Última Importação

iPhoto Arquivo Editar Fotos Eventos Compartilhar Janela Ajuda

270 de 5.403

Captura de Tela

Info Editar Compartilhar

Timeline - bahia-lowres.zip

caixa_parala...zip

Timeline - bahia-lowres.zip

Show All

Show All

Timeline - bahia-lowres.zip

Show All

Show All



